



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

O ROMANCE COMO EXPRESSÃO DA LITERATURA MODERNA: *SELVA TRÁGICA E A SELVA*

Josué Ferreira de Oliveira Júnior¹; Paulo Sérgio Nolasco dos Santos²

¹ Mestrando em Literatura e Práticas Culturais (PPGL), Bolsista CAPES; ² Professor Orientador UFGD, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo principal recuperar as discussões em torno da disciplina Teorias da Narrativa, oferecida pelo Programa de Mestrado em Letras – Literatura e Práticas Culturais – da UFGD, no segundo semestre de 2013, lançando um olhar sobre o gênero romanesco como expressão da literatura moderna. Sabe-se que este se constitui como um “gênero” extremamente complexo, por estar intrínseca à sua própria natureza, a recusa e/ou a inadequação a qualquer tipo de definição, a tentativas de conceitualização e a estudos que vêm, ao longo dos anos, tentando dizer, com certa precisão científica, o que seja o romance, quais os seus limites, e como este se constitui. Ressalta-se aqui, sua capacidade de englobar, ou melhor, de se apropriar, como que “de forma parasitaria”, de outros gêneros, literários e/ou extraliterários, de forma deliberada, transformando essa marca em expressão de sua liberdade criadora, bem como de seu caráter expansivo e transgressor, constituindo-se, assim, como um gênero inacabado, fluido, que assim como o presente, não se pode ainda prever todas as suas possibilidades plásticas. Desta forma, objetiva-se investigar como o romance passou de gênero marginal, em um passado épico, para o centro das atenções, constituindo-se como expressão privilegiada da literatura moderna; uma literatura caracterizada, entre outros aspectos, pela morte do herói épico, além de perceber, nas obras *Selva trágica* (1959) e em *A selva* (1930), as incursões do gênero romanesco pelo campo da história e da sociologia, como forma de (re)visitar o passado, e a própria realidade, tendo como ponto de partida o presente e a liberdade de ser romance.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Romance; Selva



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

INTRODUÇÃO

É recorrente nas discussões teóricas, que tentam dar forma à literatura e/ou delimitar o seu campo de abrangência, o reconhecimento de que tal tarefa se constitui como uma das mais difíceis, senão, que beira o *status* de missão impossível. Trata-se de um campo de estudo que, no mais das vezes, se confunde com o seu objeto de análise; não sendo nada fácil delimitar literatura e objeto. Desta forma, quando o assunto é literatura, parece fugir por entre os dedos a possibilidade de exatidão descritiva, de uma definição que dê conta de dizer de maneira satisfatória o que se entende por literatura. Por outro lado, há que dizer, também, tratar-se de um daqueles assuntos que todos de alguma forma sabem o que seja, têm sobre ele uma ideia geral, e, às vezes, até arriscam uma opinião de caráter mais generalizante. Mas, dizer com certa firmeza e segurança o que seja literatura não é nunca uma tarefa tranquila. Mesmo para quem dela se ocupa como objeto de reflexão e estudo sério, há de se reconhecer tal dificuldade.

Zappone e Wielewicki (2009), em um capítulo intitulado “Afiml, o que é literatura?”, denunciam já no título essa dificuldade. As pesquisadoras chamam a atenção para o fato de que o conceito de literatura é movediço e ideológico, de modo que, muito do que hoje é tomado por literatura fora num passado não muito distante rejeitado como tal. Assim elas afirmam que, na Inglaterra do século XVIII, p. ex., “[...], a literatura abrangia todo o conjunto de obras valorizadas pela sociedade, como filosofia, história, ensaios, cartas e poemas. Duvidava-se que o romance, ainda emergente, pudesse vir a se tornar literatura”. (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2009, p. 25)

Nesse sentido, quando se trata de dizer o que seja literatura, deve-se levar em consideração o fato de que vários são os fatores aí implicados. Mas pode-se afirmar que o conceito de literatura não se delineia a partir da relação direta entre literatura e obras literárias; os textos não são suficientes. Segundo Zappone e Wielewicki (2009, p. 19) o conceito de literatura é, também, ideológico, e “[...] o aspecto ideológico dessa



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

associação reside no fato de ele apagar ou encobrir para todos nós a ideia de que o conceito de literatura construiu-se e constrói-se através de um processo que é social e histórico ao mesmo tempo”. Pode-se, assim, perceber, que em determinados momentos da história da humanidade, a literatura dizia respeito à capacidade de o indivíduo ler textos diversos; depois literatura passou a designar a produção de textos imaginativos, textos que tinham já um caráter estético, artístico e era normalmente chamado de poesia. Com o passar dos tempos, o termo literatura se desenvolveu de tal forma que poesia passou a se referir a composições metrificadas, de modo que, a literatura se tornou mais abrangente. Assim, pode-se afirmar que literatura é, em um dado momento, o que um determinado estrato da sociedade, que dispõe de autoridade para tal, diz que ela é; *status* hoje ocupado por professores universitários, críticos literários, imprensa jornalística, editoras, vestibulares, etc.

Da mesma forma, pode-se perceber que o objeto da literatura vem, também, mudando ao longo dos anos, e é nesse sentido que queremos apontar para o romance como o gênero por excelência da literatura moderna, gênero que carrega em si o *status* de “poema épico das nações modernas”, pela importância que a ele tem sido dada, de modo que ao se falar em literatura hoje, está-se, de alguma forma a falar do romance. Tal fator se dá, em parte, pela própria capacidade de o gênero romanesco traduzir o contemporâneo, de dar sentido ao tempo presente, ao aqui e agora, ao tempo inacabado, etc., de modo que, esse inacabamento se constitui como marca intrínseca à própria condição do romance, o que o faz, por outro lado, o gênero mais apropriado, e/ou, um dos que consegue, com mais felicidade, representar a literatura moderna pelo simples fato de que ele, também, padece, ou melhor, goza da mesma indefinição¹ de que está cercada a literatura.

¹ Segundo Marthe Robert: “Da literatura, o romance faz rigorosamente o que quer: nada o impede de utilizar para seus próprios fins a descrição, a narração, o drama, o ensaio, o comentário, o monólogo, o discurso; nem de ser a seu bel-prazer, sucessiva ou simultaneamente, fábula, história, apólogo, idílio, crônica, conto, epopéia; nenhuma prescrição, nenhuma proibição vem limitá-lo na escolha de um tema,



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Assim, discutiremos abaixo sobre a ascensão do romance, que emerge numa situação de marginalidade, num mundo dominado ainda por heróis épicos, e chega, na modernidade, como o gênero que, assim como a epopeia e a tragédia no período Clássico, domina o cenário da literatura moderna, sendo ele próprio expressão dessa modernidade, um período marcado pela figura do anti-herói. Interessa-nos perceber, também, a maneira pela qual os gêneros “acabados” e “esclerosados” (BAKHTIN, 1988) do período clássico se romanearam ao longo da modernidade da literatura, e, como o romance, em sua liberdade criadora, se mostra auto-reflexivo, questionando a si próprio, seus limites, o passado e a própria história, que se faz através dele, presente, como se pode observar em *Selva trágica* (1959) e em *A Selva* (1930), romances que se destacam pela ficcionalização de importantes períodos históricos de duas regiões culturais brasileiras, a saber, a região amazônica e a sul-mato-grossense, lançando sobre eles um olhar que ao seu modo denuncia e traduz a vida de sujeitos simples, de uma gente comum, “gente sem crônica definitiva” (CASTRO, 1930), de trabalhadores da selva, gente esta que não teria um lugar na epopeia e na tragédia. Faremos, assim, uma apresentação destas duas obras mencionadas, a fim de que percebamos nelas as incursões do romanesco pela história, e, a seguir teceremos algumas considerações finais.

O GÊNERO ROMANESCO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Há quem questione o fato de ser o romance um gênero, justamente pelo seu caráter de indefinição assumida, por sua pouca preocupação, ou, por sua falta de talento para se prender aos limites, que de certo modo, são constituintes dos gêneros textuais. O

um, cenário, um tempo, um espaço; nada em absoluto o obriga a observar o único interdito ao qual se submete em geral, o que determina sua vocação prosaica: ele pode, se julgar necessário, conter poemas ou simplesmente ser “poético”. [...] Assim, diferentemente do gênero tradicional, cuja regularidade é de tal ordem que é não apenas submetido a prescrições e proscritões, como feito por elas, o romance não tem regras nem freio, sendo aberto a todos os possíveis, de certa forma indefinido de todos os lados. (ROBERT, 2007, p. 13-14)



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

romance se define, então, pela frouxidão no que diz respeito aos limites e à própria ideia de tradição canônica que definiam, num passado épico, o caráter daquilo que era considerado literatura.

Sabe-se, também, que não se pode precisar a data de nascimento do romance, mas é certo que ele não nascera do dia para a noite. Jack Goody (2009), sobre as origens do romance recorre a Bakhtin, segundo o qual:

[...] faz remontar suas origens aos romances de aventura gregos do século II d. C. e ao romance da vida cotidiana, assim como às *Metamorfoses*, de Apuleio, e também a um terceiro “espaço-tempo” centrado no tempo biográfico, ao qual, porém, não corresponde naquele período nenhuma obra efetiva. (GOODY, 2009, p. 37)

Assim, pode-se dizer que estas se constituem como formas que precederam o romance moderno, e que este é consequência, também, do surgimento da imprensa no século XV, e da ascensão de uma burguesia leitora, que encontrou no romance uma forma de se entreter, e de se educar. Mas há quem marque o surgimento do romance com as aventuras de Dom Quixote, p. ex., como afirma Marthe Robert:

Para alguns, nascido com as peripécias de Dom Quixote, para outros, com o naufrágio e a ilha deserta de Robinson Crusoé, o romance moderno, a despeito das nobres origens a ele atribuídas pelo historiador e que ele próprio reivindica, é na realidade um recém-chegado nas Letras, um plebeu que vingou e que, em meio aos gêneros secularmente estabelecidos e pouco a pouco por ele suplantados, continua parecendo um arrivista, às vezes até mesmo um aventureiro. (ROBERT, 2007, p. 11)

Não se prendendo muito a estas questões de origem, ressalta-se aqui, o fato de que ele não surgiu de repente, vinha desde há muito se desenvolvendo como forma de textos que obviamente eram pouco considerados. O fato é que o romance surge como um gênero marginal, vítima da desconfiança, e sinônimo de superficialidade e da falsidade. “[...] o romance seria um gênero falso, fadado por natureza à superficialidade e ao sentimentalismo, feito para corromper ao mesmo tempo o coração e o gosto”. (ROBERT, 2007, p. 12). Mas a despeito de toda esta situação, o romance soube, ao seu modo, superar seus próprios limites, tornando-se, assim, sinônimo de uma literatura



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

moderna; uma literatura que se caracteriza pelo olhar reflexivo sobre si mesma, que se auto-questiona, uma literatura que tira energia de um estado permanente de crise.

Nesse sentido, o romance se constitui como um gênero que se adequou perfeitamente a este projeto literário, a ponto de se tornar o maior representante da literatura moderna. Ao suplantar os gêneros já estabelecidos, o que o caracteriza pela sua maleabilidade em contrapartida à rigidez fixa dos gêneros que compunham a literatura do período Clássico, o romance instaura um ambiente propício ao questionamento e à derrisão dos absolutos na literatura, e, conseqüentemente, na forma de pensar da modernidade, que, de certo modo, passa a figurar enquanto temporalidade presente na literatura moderna. De acordo com Bakhtin:

[...] no período clássico dos gregos, no século de ouro da literatura romana, na época do classicismo - na grande literatura (ou seja, na literatura dos grupos sociais preponderantes), todos os gêneros, em medida significativa, completava-se uns aos outros de modo harmonioso, e toda literatura, enquanto totalidade de gêneros, se apresentava em larga medida como uma entidade orgânica de ordem superior. (BAKHTIN, 1988, p. 398)

O romance coloca em xeque, então, a ideia de completude harmônica entre os gêneros, na medida em que diante do romance não se pode falar em completude, muito menos em harmonia. O romance, que se porta, como disse Robert (2007), como um aventureiro, um conquistador, cujo único projeto é a expansão de territórios, se apropria deliberadamente dos gêneros a fim de criar, através da ironia, sua “estabilidade instável”; de modo que, diante do romance, não se pode falar em estabilidade, pois ele próprio se funda na instabilidade, na indefinição, no deslimite, na desarmonia, criando, assim, outros pressupostos para a literatura.

É desta forma que o romance promove o questionamento dos monumentos de um passado épico, extinguindo, p. ex., a figura do herói épico e do herói trágico, e se aproximando do “cômico-sério” (BAKHTIN, 1988), ao romper com as barreiras do passado épico e ao instaurar uma temporalidade outra; a saber, a do presente, tempo performático, sinônimo do que ainda não está consumado, tempo onde o autor é



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

contemporâneo de seus leitores. É nesse sentido que Bakhtin (1988, p. 399) afirma que: “O romance, [...], se acomoda mal com os outros gêneros. E não se pode falar de uma harmonia possível, [...]. O romance parodia os outros gêneros [...], revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem [...]”.

Tal instabilidade, assumida positivamente pelo romance, é responsável por abalar as estruturas do mundo épico, fundado em sólidos pilares, monumentos que reportam a um passado distante e absoluto, portanto, inquestionável. O mundo da epopeia sustenta-se pela distância épica que separa os homens comuns do presente, de um tempo habitado por heróis. O herói está desta forma, condicionado ao passado épico, um passado lendário, uma vez que o presente, o aqui e o agora, constitui-se como um tempo vulgar, pouco propício a existência de heróis. Bakhtin afirma que:

A vida atual, o presente “vulgar”, instável e transitório, esta “vida sem começo nem fim” era objeto de representação somente dos gêneros inferiores. [...] O presente, a atualidade enquanto tal, o “eu próprio”, os “meus contemporâneos” e o “meu tempo” foram originalmente o objeto de um riso ambivalente, objetos simultâneos de alegria e destruição. E é aqui que precisamente se forma uma nova atitude radical em relação à língua e à palavra. (BAKHTIN, 1988, p. 412)

Ao se ocupar do presente, o romance não só destrói a distância épica, mas se aproxima do cômico, gênero considerado inferior na literatura do período clássico por representar homens de classes baixas e por valorizar o feio, aquilo que provocava o riso, aquilo que deveria ficar escondido. O romance ao ocupar-se do presente, também, de maneira irônica, nega para si como projeto criativo a totalidade acabada e séria do tempo épico e faz da ironia o meio pelo qual consegue atingir a objetividade romanesca. Tal objetividade resulta da consciência de ser ele um mundo que é senão o retrato das experiências e da subjetividade do escritor, um mundo que ganha as cores e o tom que o romancista deseja lhe dar, fator que reforça, também, o caráter biográfico de que está cercado o romance. A objetividade do romance é, então, a capacidade de o romancista de fazer comunicável sua subjetividade, isto é, comunicar sua interioridade de modo objetivo, apreensível ao leitor. Nesse sentido Lukács afirma que:



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

O romance é a forma da virilidade madura, em contraposição à puerilidade normativa da epopeia; a forma do drama, à margem da vida, situa-se além das idades humanas mesmo se compreendidas como categorias apriorísticas, como estágios normativos. [...] O romance é a forma da virilidade madura: isso significa que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva uma resignação. (LUKÁCS, 2000, p. 71)

O romance mostra, desta forma, a fragilidade de que está cercada a perfeição do mundo épico, um mundo em que seus personagens, seus heróis coincidem em gênero, número e grau, com a descrição que deles é feita, constituindo-se, assim, personagens extremamente simples ante a complexidade dos personagens romanescos. O romance traz em seu interior uma problemática, responsável por denunciar sua descrença em um mundo ideal, e, até mesmo com o que é tomado por mundo real. As personagens do romance, nesse sentido, se constituem como indivíduos que vivem numa situação de constante inadequação com o mundo, com a realidade que os cerca, o romance mostra a incapacidade dos sujeitos diante das mazelas de um mundo cada vez mais fora dos eixos, para cujo estado não propõe, também, solução. O romance, desta forma, não fala de sujeitos ideais, tampouco, de um mundo ideal governado por deuses e heróis, o romance é, segundo Lukács:

[...] a epopeia do mundo abandonado por deus; a psicologia do herói romanesco é a demoníaca; a objetividade do romance, a percepção virilmente madura de que o sentido jamais é capaz de penetrar inteiramente a realidade, mas de que, sem ele, esta sucumbiria ao nada da inessencialidade [...]. (LUKÁCS, 2000, p. 89)

Desta forma, pode-se dizer que o romance é responsável pela morte do herói, e, pelo surgimento da figura do anti-herói na literatura moderna. Segundo Costa Pinto, em uma palestra disponível em DVD intitulada “Os anti-heróis da modernidade”², o herói moderno é justamente o anti-herói, pois ele “[...] mostra o caráter profundamente imoral ou amoral, ou nocivo do herói”, demonstrando tanto sua falta de humanidade quanto a

² Trata-se de uma das palestras que compõe o Balanço do século XX paradigmas do século XXI: mitos literários do ocidente e a modernidade. “Os anti-heróis da modernidade” proferida por Manuel da Costa Pinto, está disponível em DVD, produzido pelo Espaço Cultural CPFL, e, também no site: [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=9nvHmxSOa48](https://www.youtube.com/watch?v=9nvHmxSOa48), em um canal do youtube.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

crueledade infantil de que está cercado seu caráter. O anti-herói é, assim, o oposto do herói, caracterizado como alguém audacioso, impetuoso, feroz, imoderado, astuto, etc., Manuel da Costa Pinto destaca que a heroicidade do anti-herói encontra-se no reconhecimento de sua anti-heroicidade, sua incapacidade frente à realidade de que está cercado, o seu ser humano na medida de nossas possibilidades; e cita como exemplo Gregor Samsa em *A metamorfose* de Kafka, confinado a um corpo estranho e ao seu quarto sem nada conseguir fazer a não ser resignar-se; também, Macabea, em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que embora ocupe o centro da narrativa, é senão o exemplo do sujeito que não consegue agir, do excluído, vivendo à margem do sistema, incapaz de se integrar a ele.

Trata-se, assim, de dois bons exemplos de anti-heróis passivos diante da crua realidade em que se encontram, incapazes de se tornarem protagonistas de sua própria história. É o que se pode ver, também, em *Selva trágica* e em *A selva*: obras que retratam uma gente presa à própria sorte, sem nenhum assalto de protagonismo, de modo que, mesmo aqueles que, como Pablito e Flora, em *Selva trágica*, ou Firmino em *A selva*, optaram pela fuga, vergam-se derrotados diante da realidade que os cercam, provando para eles próprios sua situação de impotência diante de um mundo que se mostrava esmagador.

Assim, pode-se perceber que o romance se constitui como gênero, que ao seu modo, questionou os alicerces da literatura, mostrou a convencionalidade estática dos gêneros clássicos, e se mostrou extremamente versátil, ao se apropriar dos gêneros já estabelecidos, sem se preocupar nem perguntar em que terreno estava pisando. Nesse sentido Bakhtin (1988, p. 397) afirma que: “[...] o romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado. [...]. A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas possibilidades”. Trata-se, assim, de um gênero que se sustenta por sua indefinição e pela recusa de tudo aquilo que poderia limitá-lo a ser isso ou aquilo outro. O romance se constitui como um



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

gênero extremamente atual, pois a exemplo do presente, que é instável, transitório, marca do “sem começo e sem fim”, segue demonstrando sua inteira capacidade de ser representante máximo de uma literatura que também não se define facilmente.

Apresentaremos a seguir as obras *Selva trágica* e *A selva*, a fim de verificarmos as incursões do romance pela história, como forma de (re)visitar o passado, e a própria realidade, tendo como ponto de partida o presente e a liberdade de ser romance.

RELATOS LITERÁRIOS DA SELVA

“O romance é a única forma de arte que busca nos fazer acreditar que apresenta um relatório completo e verídico da vida de uma pessoa real”. (WOOLF, *apud* ROBERT, 2007 p. 27)

Selva trágica (1959) pode ser descrito como um romance de profundas raízes históricas, por reconstruir a saga dos mineiros³, trabalhadores da erva, num período que ficou conhecido como o Ciclo da Erva Mate, além de ser, como bem assinalou Fábio Lucas: “livro de inegável valor literário” (LUCAS *apud* DONATO, 2011, p. 7). Trata-se da ficcionalização de um momento de singular importância para a economia da região sul dos estados de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, quando os ervais desta região eram explorados, na fronteira Brasil-Paraguai, pela Companhia Matte Laranjeira, que deles tinham o monopólio, mediante concessão do governo.

Selva Trágica recria o ciclo da Erva Matte sob a perspectiva daqueles que a viveram mais de perto, sob a perspectiva de homens e mulheres de identidades perdidas, que viveram um drama coletivo nas entranhas dessa selva figurativizada por Donato como trágica. Cecília Zokner (1991), refere-se a estes como os *Mensu*, termo de origem

³ Termo que se refere aos trabalhadores da erva; os que lidam na mina. (DONATO, 2011, p. 22)



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

espanhola que designava o peão cortador de erva nas matas brasileiras, que para Roa Bastos significava, também, “*el enterrado vivo en las catacumbas de los yerbales*”. (apud ZOKNER, 1991, p. 104)

Realidade semelhante pode ser lida, também, em *A selva* (1930), onde se observam os mesmos tipos de exploração e de desrespeito ao homem e aos seus direitos básicos de ir e vir, de trabalhar e receber um ordenado digno pelo trabalho por ele executado, etc.

A selva (1930) é um romance que narra a saga de Alberto, um jovem português que, por questões políticas, abandona Portugal e vem para o Brasil a fim de se estabelecer por aqui. Devido à crise que começava a se instaurar no setor de extração da borracha, no início do século XX, principal economia da região do alto Amazonas, Alberto não consegue uma colocação em Belém, o que o obriga, por influência do seu padrinho, a aceitar, contra sua vontade, um trabalho no seringal Paraíso, às margens do Rio Madeira. A partir de então, tem-se a narração de um drama coletivo, vivido por maranhenses e paraenses, enterrados, também, no coração da Selva amazônica.

Destaca-se, em *A selva* (1930), o forte caráter autobiográfico como elemento que juntamente com a descrição contribuem para a construção de uma narrativa com forte teor de realidade, constituindo-se, assim, numa espécie de romance vivido, uma vez que a saga vivida por Alberto se confunde com a história vivida por Ferreira de Castro, de modo que para o próprio Ferreira de Castro, seu romance *A selva*, é o “drama dos homens perante a injustiça de outros homens e as violências da natureza [...]” (CASTRO, 1972, p. 32)

Pode-se perceber, nestas duas obras postas aqui lado a lado, sua incursão pelo campo da história e da sociologia, e, o retorno a um passado que é tratado nas duas obras sem o distanciamento épico. Trata-se, desta forma, do retorno não a um passado absoluto, habitado por heróis, mas a um passado vivido por uma “gente sem crônica



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

definitiva” (CASTRO, 1972, p. 21), uma gente que sucumbira, ficando enterrada no coração destas selvas trágicas. Trata-se de dois romances que trazem como característica observável a denúncia, o documental e o testemunho.

Ferreira de Castro no pórtico dedicado a 15ª edição comemorativa de *A selva* revela:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça [...]. (CASTRO, 1972, p. 21)

Da mesma forma pode-se ler na abertura de *Selva trágica* a seguinte nota:

Nem ataque nem defesa do acontecido nas regiões ervateiras durante os anos áureos da extração da erva. Relato da vida e do trabalho sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, *changa-y*, marginais, pequenos funcionários. Bem por isso o personagem principal é a erva. E personagens secundários são a terra, o tempo, o sonho. Depois é que aparecem os humanos, [...]. (DONATO, 2011, p. 13)

É notório que as duas obras em questão se constituem como a representação de um passado (re)construído sob a perspectiva daqueles que viveram mais intensamente a selva. Tal reconstrução pode ser, por um lado, fruto das experiências vividas pelo autor, como é o caso de *A selva*, ou, fruto da pesquisa e da investigação histórica por outro, como é o caso de *Selva trágica*. O fato é que se trata de dois romances que encenam, e têm consciência disso, uma história outra que não fora contada pela História oficial.

Bakhtin afirma que:

Uma outra manifestação da maior importância para a história do romance liga-se à nova orientação temporal e à zona de contato: trata-se das relações particulares do romance para com os gêneros extraliterários – a vida corrente e a ideologia”.[...] Construído na zona de contato com um evento da atualidade inacabada o romance frequentemente ultrapassou as fronteiras da



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

arte literária específica, transformando-se então ora num sermão moralizador, ora num tratado filosófico, ora em verdadeira diatribe política, ora em algo que se degenera numa obscura confissão íntima, primária, em “grito da alma”, etc. [...]. Pois as fronteiras entre o artístico e o extraliterário, entre a literatura e a não literatura, etc. não são mais estabelecidas pelos deuses. (BAKHTIN, 1988, p. 422)

Nesse sentido, pode-se afirmar que o romance e, de modo mais geral, a arte e a literatura, se revelam aptas para, além do estético, problematizar as questões “sérias” da vida cotidiana. Assim, o cotidiano, com toda sua crueza e vulgaridade, o passado, a história, a filosofia e tudo que de alguma forma se interesse pela vida, pelo ser humano, se constitui como a matéria prima do romance. Desta forma, não há que estranhar as incursões do romance pelas diversas áreas do conhecimento, uma vez que, o que o diferencia da história, p. ex., é justamente o fato de que o romancista ao recolher os dados organiza-os de modo a produzir um efeito estético, ou seja, o romancista não pretende se transformar em um historiador, ele não tem esta preocupação. Já o historiador organiza seus dados sob a égide do estatuto científico, ele tem a necessidade de comprovar, através de fontes seguras a veracidade de suas informações e dos “fatos”.

Selva trágica e *A selva* se caracterizam, por assim dizer, como romances que promovem, ao seu modo, uma reconstituição estética, ficcional de dois importantes períodos históricos marcados pela intensa exploração de uma mão de obra trabalhadora em regime análogo ao de escravidão, uma vez que não tinham, quando “contratados”, opção de deixar o trabalho. Trata-se de duas obras que recorrem a um passado repleto de fissuras, lapsos de memória e esquecimentos, a fim de (re)criar, e, assim, inevitavelmente, trazer à luz questões delicadas, deixadas às margens de uma história e de uma literatura que se prestavam a legitimação de práticas opressivas e/ou ao deleite dos grupos hegemônicos do poder. *Selva trágica* e *A selva* apontam para as mazelas e as injustiças de que foram vítimas uns poucos indivíduos, viventes reféns de um sistema que os invisibilizaram, fantasmas de um submundo que se constituiu como base de sustentação do tão celebrado progresso, de que se ocupou a história oficial e até mesmo



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

uma literatura que se perdeu em meandros estéticos, tornando-se indiferentes a estes momentos absurdos.

Tendo em vista tal perspectiva, pode-se afirmar que os heróis de *Selva trágica* e de *A selva* são seres vencidos, sujeitos vergados diante de uma realidade que lhes roubava a condição de uma humanidade plena, sujeitos resignados diante de um mundo que lhes roubava a possibilidade de escolhas, como se pode ler nos pensamentos de Flora, em estado de completa resignação após uma frustrada tentativa de fuga que lhe acarretara, dentre outras coisas, a perda de seu grande amor, Pablito, morto pelos capangas da Companhia:

O futuro era o que era – não o que gostaria que fosse. E se o mundo rodava nesse rumo, assim era entestar no contra-rumo. Melhor seria acertar o passo com o passo do mundo. Vivia no país da erva e assim era a vida por ali. Sentiu o Isaque deitar-se ao lado e procurar a sua mão. Não esquivou. (DONATO, 2011, p. 284)

Fica evidente na atitude de Flora, bem como em sua trajetória ao longo de toda a narrativa, o fato de que o herói romanesco se constitui, por um lado, como um ser destituído da força e da ousadia do herói épico, de sua *húbris*, sua desmesura, e, por outro, pela sua complexidade psicológica, fazendo ver ao leitor que seu mundo interior quase nunca corresponde ao que lhe é expresso exteriormente, como ocorre com Flora quando sentiu o Isaque deitar-se ao lado e procurar a sua mão, ao que ela não esquivou, como havia feito até aquele momento. Sabe-se, também, desde o início da narrativa, que Flora nutria por Isaque um misto de medo e desprezo, pelo poder que este tinha e pelo que era, covardemente, capaz de fazer com qualquer um que, de alguma forma, atrapalhasse seus planos.

O romance se caracteriza, então, pela liberdade com que trata o passado, o presente e até mesmo o futuro, pelo seu não estar preso aos limites, temporais, de gênero, de escolas, e/ou de veracidade etc. O romance não se prende a bandeiras, muito embora, denuncie e aponte às feridas e as mazelas sociais de seu tempo, como fez Zola em *Geminie Lacerteux*, como faz aqui *Selva trágica* e *A selva*, romances que



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

demonstram com profundidade os males de uma sociedade onde o lucro de poucos justifica a exploração e a até a morte de muitos. Nesse sentido Robert afirma que:

O romance no sentido de máxima não tem, naturalmente, nada a “tomar” nem a “devolver” do que quer que seja de real, mas tampouco constitui um simulacro inútil, pois embora a realidade lhe seja para sempre inacessível, ele a toca, apesar disso, sempre num ponto decisivo, figurando o desejo *real* de mudá-la. (ROBERT, 2007, p. 28)

É nesse sentido que o romance demonstra seu caráter demoníaco, desafiando os monumentos historicamente construídos pelo questionamento da história, da realidade e de seus limites, mostrando a perversidade dos sistemas que regem a humanidade, a hipocrisia humana que justifica o luxo de alguns sustentado pela desgraça de outros, etc. O romance cria em seu interior um mundo que não pretende ser, mesmo que aponte para uma determinada realidade, uma verdade comprovável, trata-se sempre do mundo e da verdade do romance, mas que inevitavelmente aponta para o fato de que a realidade não passa de uma construção sócio-histórica.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela bolsa concedida, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer, assim, que o grande sucesso do romance em se tornar o representante privilegiado da literatura moderna se deve ao seu espírito de liberdade absoluta e a sua recusa diante dos absolutos. Deve-se, também, à sua versatilidade de gênero aberto e indefinido, de um gênero que não se quer limitado, fechado em si mesmo, antes, porta-se como um aventureiro, fazendo seu, o chão em que se está, no momento em que se diz.

Nesse sentido, é que ele é capaz de dar corpo a uma literatura que, também, não se define facilmente, que é marca do movediço, uma literatura povoada por heróis



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

derrotados, e, derrotados por serem humanos a medida de humanos, uma literatura que, com o romance, voltou-se para o presente, ocupou-se do cotidiano e de histórias que fracassaram, revelando a fragilidades dos idealismos mesmo sabendo-se incapaz de livrar-se deles completamente.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1988.
- CASTRO, José Maria Ferreira de. *A selva*. Ed. Verbo: São Paulo, SP, 1972.
- DONATO, Hernâni. *Selva trágica*. Taubaté; SP. LetraSelvagem, 2011.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007.
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2009, p. 19-30.
- ZOKNER, Cecília. *Mensu: história e ficção*. In: _____. *Para uma crítica latino-americana*. Curitiba: ed. UFPR, 1991, p. 101-111.